



AS RAÍZES CLÁSSICAS DA FILOSOFIA POP: PROLEGÔMENOS PARA OUTRAS HISTÓRIAS DA FILOSOFIA

THE CLASSICAL ROOTS OF POP PHILOSOPHY:
PROLEGOMENA FOR OTHER HISTORIES OF PHILOSOPHY

Charles Feitosa

Doutor em Filosofia pela Albert-Ludwigs Universität Freiburg

Professor titular do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

philo_bureau@hotmail.com

Resumo: O objetivo principal deste ensaio é contribuir para a consolidação no Brasil de um movimento não-homogêneo do pensamento, a filosofia pop, a partir de uma investigação crítica dos seus rastros e marcos preparatórios presentes desde sempre na tradição, mas que foram negligenciados no legado oficial da história da filosofia. São diversos os aspectos que parecem diferenciar a filosofia pop em contraste com a filosofia acadêmica. Cada um deles poderia entretanto ser facilmente recuperado a partir da própria tradição, não tendo sido inventados na contemporaneidade, mas apenas rememorados, reapropriados e reinventados. Como preparação para uma futura “história pop da filosofia”, proponho aprofundar apenas algumas dessas características: a questão dos estilos em filosofia; a dimensão performativa do pensamento; a conexão universal-local.

Palavras-chave: Estilo. Performance. Cultura brasileira. Cultura pop. Cânone.

Abstract: The main objective of this essay is to contribute to the consolidation in Brazil of a non-homogeneous movement of thought, pop philosophy, based on a critical investigation of its traces and preparatory milestones that have always been present in the tradition, but that were neglected in the official legacy of the history of philosophy. Each one of them could, however, be easily recovered from its own tradition, not having been invented in contemporary times, but only remembered, reappropriated and reinvented. As a preparation for a future “pop history of philosophy”, I propose to deepen just some of these characteristics: the question of styles in philosophy; the performative dimension of thought; the universal-local connection.

Keywords: Style. Performance. Brazilian culture. Pop culture. Canon.

Que interesse tem para nossos jovens a história da Filosofia?
Nietzsche (*Schopenhauer como Educador*)

1 Introdução

Alerta de *spoiler*: O título desse artigo comporta ironias. Não acredito que o termo “raiz” possa ser usado para descrever aspectos da cultura, das artes ou da filosofia. Não somos vegetais, o desenraizamento é a nossa condição mais fundamental. Também desconfio do termo “clássico”. Em geral, é usado não apenas para designar um período histórico, mas também para indicar o pertencimento a uma classe superior, em contraste com o popular. Indica também o pertencimento à classe, no sentido de aula, enquanto elemento curricular incontornável no ensino de qualquer área, seja das ciências humanas ou exatas. Se não acredito nem em “raiz”, nem em “clássico”, por que proponho discorrer sobre “as raízes clássicas da filosofia pop”? Quero defender, ao contrário do que se imagina, que a filosofia pop não é um movimento pós-moderno experimental e de vanguarda, mas um passo atrás para um modo arcaico de pensamento, cujo caráter finito foi silenciado pela história *mainstream* da filosofia.

Minha formação em filosofia pode ser descrita como “clássica”, fiz graduação e mestrado no IFCS/UFRJ, doutorado pleno na Alemanha em temas ligados à história da filosofia, do tipo “a questão de X em Y e/ou Z”. Desde que terminei o doutorado e voltei ao Brasil venho me afastando cada vez mais da concepção largamente difundida de que a história da filosofia é o único e

melhor acesso à filosofia ela mesma. Através do Pop-Lab (Laboratório de Estudos em Filosofia Pop) tento privilegiar temas e questões ao invés de fazer da correta compreensão dos autores o único problema do pensamento. Faz parte dessa luta uma prática filosófica, pedagógica e política que pode ser resumida em alguns dos seguintes aspectos: o uso de imagens como parceria para os conceitos; a experimentação com diversos estilos de expressão; o redimensionamento do papel do feminino na história da filosofia; a transdisciplinaridade com as artes e as ciências; a transculturalidade como forma de resistência ao colonialismo; o resgate dos saberes cotidianos e populares; a reconexão dos problemas universais com os contextos locais no Brasil do século XXI; a parceria entre rir e pensar; o engajamento do afetivo e do sensível no pensamento.

O conceito de “filosofia pop” foi inventado por Deleuze nos anos 70. Desde então diversas iniciativas no Brasil e no mundo, cada uma a sua maneira, vêm sendo colocadas em prática inspiradas nesse projeto¹. Sua consequência mais perceptível é o enfraquecimento da rigidez do cânone de autores e

1 Nos EUA, o professor de filosofia William Irwin organiza a famosa série *Popular Culture and Philosophy*, iniciada com a publicação do livro *Seinfeld e a Filosofia* (IRWIN, 1999). Em 2001 publiquei o artigo “O Que é isto - Filosofia Pop?”. Em 2004 escrevi o livro *Explicando a Filosofia com Arte*, que apresenta uma introdução à filosofia para leigos de todas as idades no modo ‘pop’. Em 2013 criei o Pop-Lab, Laboratório de Estudos em Filosofia Pop. No Brasil destacam-se ainda Marcia Tiburi, que lançou um manifesto de filosofia pop em 2012 (<https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-pop-manifesto-em-16-teses>); Fabíola Menezes, que desde 2020 realiza uma filosofia performática brasileira no canal de youtube *A Cabocla Fabíola* (<http://www.youtube.com/c/ACaboclaFab%C3%ADolaMenezesdeAraujo>), e Marcos Lopes, cujo podcast *Filosofia Pop* criado em 2015 já realizou mais de 100 episódios (<https://filosofiapop.com.br/podcast/filosofia-pop-001-filosofia>). Na França, Jacques Serrano organiza anualmente desde 2007 a *Semaine de la Pop'Philosophie* (<https://www.frac-provence-alpes-cotedazur.org/Semaine-de-la-Pop-Philosophie-2020>).

questões tidas como dignas no ocidente. Um pouco por isso a filosofia pop vem ocupando no supermercado simbólico das atividades acadêmicas um lugar de experimentação e de vanguarda, o que na prática acaba se tornando um não-lugar, como se fosse apenas um fenômeno efêmero e irrelevante. Há alguns anos venho desenvolvendo outra estratégia. Em vez de combater a hegemonia do clássico, que tal hackeá-lo? E se aceitássemos a tese de que a história da filosofia é mesmo a melhor forma de acesso à filosofia ela mesmo, mas fôssemos capazes de pluralizá-la? E se a filosofia pop não fosse um fenômeno contemporâneo, mas apenas um outro nome, um nome aparentemente novo, mas que se refere a práticas antigas que se perderam com o advento da filosofia profissional e institucionalizada? Para demonstrar que a filosofia pop faz parte da tradição não é preciso conferir uma roupagem conceitual que lhe dê o tom apropriado para ser aceita como uma atividade “séria” de pesquisa. Ao contrário, basta furar o modo homogêneo e reducionista pelo qual a história da filosofia vem sendo abordada na maioria dos cursos de graduação e pós-graduação do país. Basta mostrar que há aspectos “pop” na história da filosofia, que vêm sendo contínua e estrategicamente ignorados, silenciados ou expurgados.

2 Pequena Filosofia da História da Filosofia

A história da filosofia tal como a conhecemos e a praticamos foi uma genial invenção hegeliana, com alguns efeitos colaterais drásticos. Desde

<i>Rev. Heli</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. 1-21	jan./jun. 2021
------------------	--------	------	------	---------	----------------

Aristóteles, no livro Alpha da sua *Metafísica*, houve várias tentativas por parte dos próprios filósofos de descrever a ordem cronológica das várias filosofias precedentes, mas em geral de forma crítica e depreciativa. Por exemplo, quando Schelling realizou seu curso sobre a história da filosofia moderna [*Vorlesungen zur Geschichte der neueren Philosophie*] em Munique por volta de 1827, quatro anos antes da morte de Hegel, o plano era oferecer a seus alunos uma propedêutica histórica “negativa” à filosofia. Embora Schelling também visse a filosofia como um desenvolvimento constante no tempo, sua “História da Filosofia” é apenas um relato das tentativas malsucedidas dos filósofos de chegar à verdade. As formas de filosofia do passado têm seu valor, de acordo com a observação preliminar de Schelling às lições, apenas como um contraste ou como um exemplo inferior em relação ao pensamento autêntico (o de Schelling mesmo): “Se, para aprender a apreciar e julgar a verdade, é finalmente necessário saber também o erro, então tal apresentação é provavelmente a maneira melhor e mais gentil de mostrar ao iniciante o erro a ser superado” (SCHELLING, 1984, p. 29).

O mérito de Hegel, ao contrário de Schelling, foi ter desenvolvido uma história da filosofia que serve como propedêutica “afirmativa”, ou seja, dar a conhecer “*como* ela [a própria filosofia] aparece sucessivamente no tempo” (SCHELLING, 1984, p. 79)². Com Hegel a filosofia se torna histórica e a história

2 Como se sabe, Hegel deu seu curso sobre a história da filosofia pela primeira vez em Jena (semestre de inverno de 1805-1806). De acordo com o relatório de seu aluno e biógrafo Karl Rosenkranz essas aulas não mudaram significativamente nas suas versões posteriores (Heidelberg e Berlin), tendo sido apenas revistas e aperfeiçoadas. No entanto, a forma atual do texto não deve ser lida como um trabalho uniforme, mas sim uma mistura de diferentes fontes (os manuscritos do autor e as anotações de alunos).

da filosofia se torna filosófica. Infelizmente há um preço a pagar pelo resgate da história da filosofia. Hegel constrói um modelo rígido. Se por um lado ele abre espaço para os devires, por outro lado os aprisiona sob as categorias de “processo” e “progresso”. Nesse modelo, o desenvolvimento do começo ao fim da história da filosofia é fixo, inexorável, irresistível. O esquema é arborescente, há um começo na Grécia, pois o antes do começo, na Ásia, é julgado irrelevante. Há um caminho principal que conduz ao espírito europeu, com algumas ramificações acidentais e pouco férteis. Por fim, o “fruto”, o “fim”, tanto no sentido de meta como de encerramento, é materializado pela própria dialética hegeliana. Além disso tudo que diz respeito à finitude do pensar, ou seja, ao corpo, nos seus afetos, aos desejos, mas também aos acidentes de percurso, às idiossincrasias das personalidades, ao compasso ou ao descompasso entre vida e obra dos autores, é ignorado, domesticado ou banido da estrutura do pensamento em nome de uma metafísica da pureza conceitual. A concepção hegeliana de “história da filosofia” vigora de forma não tematizada nos cursos de filosofia no Brasil. Proponho reler essa tradição, pois ao desvelar as supostas “raízes clássicas” da filosofia pop, quero na verdade apenas re-visibilizar e re-vocalizar seus aspectos desprezados e silenciados.

3 Raízes Clássicas da Filosofia Pop

São diversos os aspectos que parecem destacar a filosofia pop em contraste com a filosofia acadêmica. Cada um deles poderia ser facilmente

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. 1-21	jan./jun. 2021
--------------------	--------	------	------	---------	----------------

recuperado a partir da própria tradição, não tendo sido inventados na contemporaneidade, mas apenas memorados, reapropriados e reatualizados. Em seguida comento, a título de preparação para uma futura “história pop da filosofia”, uma pequena seleção desses aspectos: a importância da conexão com o local (a cultura brasileira); a experimentação com estilos de expressão; a ênfase na dimensão performativa do pensamento.

- A) *A importância da conexão com o local: a cultura brasileira* – Faz parte da luta pela expansão do cânone clássico de autores e de temas recolocar constantemente a pergunta sobre o que significa fazer filosofia nesse lugar específico em que estamos, no Brasil do século XXI. Hoje essa tendência para uma abordagem localizada vem se tornando cada vez mais difundida, mas quando comecei a dar cursos sobre a filosofia e cultura brasileira, era bastante incomum e passei por algumas situações inusitadas. Uma delas aconteceu durante uma aula na UNIRIO, por volta de 2010, justamente na então recém-criada graduação em filosofia, a primeira e a única do mundo a ter “filosofia pop” como disciplina obrigatória. Estávamos lendo o livro seminal de Roberto Gomes, *Crítica da Razão Tupiniquim* (1994), quando esbarramos no tema do “jeitinho brasileiro”, um assunto já bastante debatido na sociologia e na antropologia nacionais, mas completamente ausente do cenário da filosofia. Durante o debate surgiu a dúvida por parte da turma sobre as semelhanças e diferenças entre o jeitinho e a “gambiarra”. Roberto Gomes fala sobre o jeitinho, mas nada sobre a “gambiarra”, que

é um misto de saber técnico, imaginação e insubordinação, fundamental para resolver emergências. A gambiarra é uma atualização técnica e material da antiga astúcia [*mêtis*] pela qual Ulisses era tão prestigiado na Odisseia de Homero. No meio da conversa em grupo, um aluno, provavelmente já irritado com o curso como um todo, se levantou e falou em alto e bom som: “Não acredito que estamos discutindo sobre gambiarra em uma aula de filosofia! Deveríamos estar discutindo Descartes ou Kant”. Tendo dito, foi embora e não voltou mais.

A reação do aluno, a meu ver, reproduz uma visão reducionista típica das salas de aula universitárias. É assustador constatar o silêncio institucional dos professores brasileiros de filosofia, com raras e honrosas exceções tais como Marcia Tiburi, Marilena Chauí, Vladimir Saffatle, Paulo Arantes, Vilém Flusser, entre poucos outros, em momentos dramáticos da história recente da sociedade brasileira. Um olhar mais cuidadoso sobre a história tradicional da filosofia mostra o que está lá, mas não querem ver: todo pensador que se preze pensou a partir de seu lugar e de sua época, toda filosofia não é apenas “filha do seu tempo”, como bem sabia Hegel, mas também filha do seu “território”, do seu espaço geográfico, cultural e social. Isso quer dizer que fazemos mais jus a Aristóteles ou a Kant, não quando ficamos discutindo interminavelmente firulas eruditas das suas obras, mas sim quando os imitamos em seus engajamentos nos contextos ao nosso redor, ou seja, quando assim como eles nos propomos a pensar os desafios éticos, políticos, epistemológicos das circunstâncias em que vive-

mos. Basta lembrar *en passant*, entre tantos os outros, os exemplos de Platão revistando criticamente as condições políticas que levaram à execução de seu mestre; Kant debatendo, com risco de vida, o termo “esclarecimento” ainda sob um regime absolutista, alguns anos antes da revolução francesa; ou mais recentemente de Hannah Arendt discutindo as nuances do julgamento de Eichmann em Jerusalém.

Existe um argumento recorrente – e inadmissível – que se a filosofia busca o universal, não pode ser tratada como uma atividade específica de uma região geopolítica. Felizmente a filosofia contemporânea está aprendendo a revisar e a relativizar seu conceito de universal, principalmente a partir do fecundo diálogo com a área de artes em geral, de onde vem se desenvolvendo a ideia de “topologias do ser”³. Dentro desse contexto pode-se afirmar que a toda a tradição da filosofia, não apenas a pop-filosofia, foi sempre *site-specific*, ancorada sempre e de cada vez no contexto geográfico, histórico e cultural dos corpos que a praticaram. Não há nada menos clássico do que desconsiderar o contexto local em função de um estudo dos autores passados. Nosso contexto é o Brasil, quer queiramos ou não. É desde o Brasil e na ambiência da língua portuguesa brasileira que pensamos, até mesmo quando não temos questões éticas e políticas no foco das nossas reflexões.

B) *Estilos* – Realizei um curso de introdução a filosofia na UNIRIO sobre o tema “estilos em filosofia” em 2019, o último antes da quarentena.

3 Mais sobre o tema pode ser lido no artigo do filósofo porto-riquenho, professor da Brown University, Nelson Maldonado Torres intitulado *A Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento. Modernidade, Império e Colonialidade* (2008).

Também me confrontei com o tema ao fazer o prefácio para o livro incomum de Fabíola Menezes (sob o pseudônimo de Ana Kallister), amiga e participante ativa do Pop-Lab, intitulado *Avati Amuni* (2020). O livro desafia essa característica estrutural da filosofia acadêmica, a saber, a constante defesa de uma forma neutra, objetiva e insípida de expressão. Nas produções em filosofia pop, ao contrário, aparecem humor, drama, corpos, feminismo, conceitos oriundos das matrizes afroeríndias, imagens advindas tanto das belas artes como da cultura popular e de massa, tudo isso reunido de forma leve e sedutora, seja como textos, como filmes, como performances. O informal do estilo pop não parece sério para o olhar institucional, supostamente livre de afetações retóricas. Aqui é necessário olhar de novo para a história da filosofia e perceber que essa profusão de materiais e de modos de expressão sempre esteve lá.

Acredito que a filosofia é um subgênero da literatura e não sua rival. Para a filosofia institucionalizada e profissional, ao contrário, as experimentações estilísticas são tratadas em geral como meros adornos – acidentais, desnecessários e irrelevantes. Quem vê o cenário da Filosofia universitária atual poderia até acreditar que o discurso claro e distinto predominante sempre foi e sempre será a forma intrínseca da Filosofia, mas basta uma olhadela superficial na sua história para constatar, ao contrário, que sempre existiu uma diversidade inebriante de modos de escrever e pensar. De um lado temos os estilos supostamente mais rigorosos, preocupados

prioritariamente com a ordem lógica dos conceitos, tais como os tópicos (Aristóteles), os comentários (Aquino), as questões (Ockham), os guias (Maimônides), as sentenças (Lombardo), os ensaios (Locke), os tratados (Hume e Spinoza), as meditações (Descartes), os prolegômenos (Kant), as investigações (Wittgenstein). Mas, do outro lado, desde os seus primórdios, temos também aqueles modos de escrever e pensar mais abertos às atmosferas afetivas evocadas pelas diferentes sonoridades e coloridos das palavras e, nem por isso, menos densos conceitualmente, tais como os poemas (Sapho e Parmênides), os diálogos (Platão e Sade), as confissões (Agostinho e Rousseau), as cartas (Abelardo e Schiller), os pensamentos (Pascal), os aforismos (Nietzsche e Novalis), os diários (Kierkegaard), os romances e contos (Sartre e Camus), as performances (Preciado).

Infelizmente a escolástica acadêmica vigente tende apenas a se focar exaustivamente nos conteúdos dessas experimentações literárias-filosóficas, sem dar muita atenção aos seus modos singulares de se fazer, dissociando e hierarquizando aquilo que, ao contrário, terá sempre acontecido em co-determinação recíproca. A aparente ausência de estilo nos textos acadêmicos atuais em Filosofia é, na verdade, a vitória hegemônica de um estilo específico, o analítico/escolástico, que apresenta uma estrondosa uniformidade estrutural e cuja linearidade entediante perpassa por todas as produções da pesquisa, tanto nos artigos das revistas científicas, como nas conferências nos congressos; tanto nos trabalhos de conclusão de curso, nas dissertações de mestrado, como nas teses de doutorado. O estilo vitorioso da Filosofia acadêmica se finge de neutro,

mas segue um código de regras muito estrito, mais notadamente na exigência de conformidade aos seus aparatos intermináveis de erudição, tais como as notas de rodapé, as referências bibliográficas, os glossários e os índices onomásticos.

Tudo se passa como se só houvesse rigor na forma estrita do cálculo, da geometria e da arquitetura. Inspirada em Nietzsche, que dizia que o rigor da Filosofia acadêmica era uma espécie de *rigor mortis*, irrompe felizmente no cenário contemporâneo um contra-movimento de reabilitação do corpo, dos afetos e das imagens na escrita filosófica. A re-estetização dos conceitos permite que o pensamento faça outros tipos de aliança, para que a Filosofia não se constitua apenas sobre, mas com ou até mesmo enquanto arte.

- c) *O Pensar Perform-ativo* – No ano de 2012 surgiu na Europa uma iniciativa internacional de instauração de um novo campo de conhecimento denominado de *performance philosophy* [filosofia performativa], que reúne de forma organizada e consistente as práticas criativas das performances e o trabalho conceitual da filosofia. A filosofia performativa vê, portanto, a performance enquanto pensamento e produz pensamento enquanto performance. Para mim, a ideia de uma filosofia performativa é um desdobramento coerente com meu próprio projeto de uma filosofia pop aliado às artes cênicas. Desde 2013, venho tentando, na teoria e na prática, desenvolver caminhos para sua implementação no Brasil. Dentro desse fluxo, comecei a realizar palestras e cursos sobre o tema e, ao mesmo tempo, experimentar formas de fa-

zer filosofia que envolvessem cada vez mais meu corpo, minha imaginação e meus afetos⁴.

A filosofia pop é uma filosofia performativa que busca engajar o corpo nos conceitos, afetos e pensamentos, ações teóricas e práticas. Talvez seja possível afirmar que estamos vivendo uma espécie de *performative turn* na filosofia do século XXI. Para mim, é claro que a dimensão performativa da filosofia não é um vanguardismo, mas um classicismo, especialmente característico da Grécia antiga. Todos os filósofos, sem exceção, sempre misturaram filosofia e ação na vida cotidiana. Algumas dessas ações não foram fortuitas ou involuntárias, foram gestos conceituais, ações filosóficas, seguiam um “programa performativo”⁵. Existem muitas situações emblemáticas famosas, onde o filósofo engajou seu próprio corpo para intensificar suas ideias. A famosa fotografia de Jules Bonnet que mostra Nietzsche e Paul Rée puxando uma charrete com Lou Salomé nas rédeas e no chicote foi uma genial ação performática encenada pelo próprio filósofo alemão em maio de 1882, uma cena que até hoje alimenta diversas polêmicas.

Aristóteles, por exemplo, relatou que o cético Crátilo, por acreditar que não se deve dizer nada, apenas mexia o dedo. Podemos imaginar o dedo de Crátilo em riste, como um gesto de quem se cala por convicção, mas também de quem exige que se silenciem a sua volta, intimando a pensar mais e a falar me-

4 Mais informações sobre a ideia de filosofia performativa no Brasil ver meu artigo de 2020 intitulado *Fronteiras entre Artes das Performance e Filosofia*.

5 A pesquisadora brasileira das Artes da Performance Eleonora Fabião define “programa performativo” como um “um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio” (FABIÃO, 2013, p. 4).

nos. O próprio Sócrates, pouco antes de tomar a cicuta, realizou um ritual performático, ao pedir que fosse sacrificado um galo a Esculápio, deus da medicina e da cura. Um breve olhar sobre a história do pensamento mostra que a nudez, esta que sempre de novo é alvo de polêmicas por parte dos setores mais conservadores contra as artes, já foi ativada como ação performativa e conceitual diversas vezes até mesmo na hagiografia oficial. É notório, por exemplo, o modo como Francisco de Assis marcou sua decisão de mudar sua vida em prol de um cristianismo mais atento às questões sociais: em 1206, despojou-se até ficar nu diante do pai, do bispo e de toda cidade. Corpo e pensamento em sintonia em prol de um voto de pobreza. Na filosofia, quem ficou famoso pela nudez em espaços públicos foi Diógenes de Sinope, o cínico, considerado por Platão um “Sócrates que enlouqueceu”. Diógenes defendia, contra Platão, que a virtude se exercia na ação e não apenas na teoria.

As ações performativas de Diógenes e de tantos outros renomados pensadores, algumas consideradas obscenas, outras engraçadas e ainda outras admiráveis, compõem um imenso acervo de “anedotas” da história da filosofia. Antes de Hegel a história da filosofia era “doxografia”, um termo inventado pelo helenista alemão Hermann Diels e que indica um relato indireto da vida, fama e opiniões dos pensadores antigos. A referência mais famosa é o livro de Diôgenes Laértios intitulado *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, que remonta ao Século III d. C. Embora constitua a principal fonte de conhecimento sobre o cenário antigo do pensamento, esse texto é continuamente debatido por conta das inúmeras imprecisões, repetições, além de trazer elementos aparentemente

insignificantes juntos a outros quase fantásticos. O livro foi criticado por ser a obra de um mero compilador ou, pior, de um simples plagiador, cheio de observações sem seriedade e rigor. Tudo indica que a intenção de Laêrtios tenha sido de popularizar a filosofia, conforme sugere o tradutor da versão em português na introdução:

Esse caráter da obra pode surpreender e até desconcertar o leitor moderno, habituado a considerar a filosofia e os filósofos de um ponto de vista diferente, mas acentua a intenção a que já nos referimos, pondo em nossas mãos um uma história popular evocativa do lado humano de um mundo perdido, porém sempre fascinante. (KURY, 1987, pp. 9-10)

Sem sombra de dúvida a obra de Diôgenes Laêrtius constitui um dos pioneiros clássicos da filosofia pop. Infelizmente, embora seu trabalho tenha servido de fonte ininterrupta de conhecimentos sobre o pensamento, a vida e o território de cada pensador, constata-se na evolução da “história da história da filosofia”, ou seja, na recepção desses conhecimentos, uma crescente purificação dos aspectos biográficos, corporais, afetivos, em suma, das dimensões performativas inerentes às obras dos grandes filósofos da antiguidade. Essa higienização do pensamento, a desautorização das inevitáveis, ainda que misteriosas, interseções entre o corpo e o *corpus* de cada filósofo, é infelizmente sintetizada justamente por um dos maiores defensores da dimensão finita do pensar, Martin Heidegger. Ele disse, em um curso sobre Aristóteles de 1924, que tudo que precisávamos saber sobre a vida de um filósofo é que ele nasceu, pensou e morreu. Como diria Deleuze, é muito difícil, até para Heidegger, ser coerente com o pensamento heideggeriano.

Nietzsche, ao contrário, no prefácio à sua pequena história da filosofia na era trágica, em 1874, defendia a centralidade das anedotas para a compreensão do pensamento:

Esta tentativa de contar a história dos filósofos gregos mais antigos se distingue de outras tentativas semelhantes pela sua concisão. Esta conseguiu-se porque, em cada filósofo, se mencionou apenas um número muito limitado das suas teorias, em virtude, portanto, de não apresentar uma imagem completa. Mas escolheram-se as doutrinas em que ressoa com maior força a personalidade de cada filósofo, ao passo que uma enumeração completa de todas as teses que nos foram transmitidas, como é costume nos manuais, só leva a uma coisa: *ao total emudecimento do que é pessoal* [grifo meu]. É por isso que esses relatos são tão aborrecidos: pois em sistemas que foram refutados só nos pode interessar a personalidade, uma vez que é a única realidade eternamente irrefutável. Com três anedotas é possível dar a imagem de um homem; vou tentar extrair três anedotas de cada sistema, e não me ocupo do resto. (NIETZSCHE, 2009, p.3)

Nietzsche pode ser considerado o catalisador da virada performativa da filosofia, pois sempre defendeu e assumiu a dimensão autobiográfica na sua própria escrita, fez experiências com novas mídias, tendo sido um dos primeiros usuários de máquina de escrever do planeta e realizou diversas parcerias tanto com artistas (atores, músicos, poetas, fotógrafos, etc.), como com cientistas (biólogos, médicos, geógrafos, etc.). Nietzsche se autodenominava “Filho de Laërtius” em algumas de suas cartas, dedicou diversos estudos a ele na sua juventude e disse que preferia ler Laërtius do que a maioria dos historiadores da sua época, tais como Ritter, Brandi e Zeller, pois “naquele pelo menos vive o espírito dos filósofos antigos; mas nestes não vivem nem o antigo nem nenhum outro espírito” (NIETZSCHE, 2020, p. 104).

Inspirado em Nietzsche, Deleuze, Laêrtius, Assis, Diógenes de Sinope, Crátilo e Sócrates, patronos da filosofia pop, o que eu quero denunciar aqui é que a dimensão performativa da filosofia vem sendo ignorada ou reduzida a meras anedotas pela historiografia oficial da filosofia. Será preciso rever a noção de “anedota”, sua relação com a história e a verdade em geral. Embora sejam comumente definidas como histórias engraçadas e desimportantes, desde tempos imemoriais elas cumprem o papel, enquanto “estórias secretas ou não transcritas sobre o que não é dado”, de desestabilizar as compreensões hegemônicas da realidade e estimular novas perspectivas. Levar a sério as anedotas da história da filosofia ajudam não apenas a resgatar a sua dimensão performativa perdida, mas ajuda também a enfraquecer o seu excessivo euro- e logo-centrismo, já que a tradição oral de contar histórias constitui fonte inesgotável de conhecimentos e sabedorias na Ásia, África e na Ameríndia. Não basta ampliar os conteúdos do cânone, será preciso reavaliar a excessiva centralidade dos conceitos e da escrita em detrimento das imagens e da oralidade.

4 Por uma Pop'História da Filosofia

Uma “Pop'história da Filosofia” intima a filosofia acadêmica a ter força de suportar os paradoxos e as ambiguidades da existência, mas também a resistir e questionar as ideologias hegemônicas. Não se abandona o rigor, mas sim a

excessiva formalidade. É necessário, por exemplo, se perguntar se a sala de aula, o texto linear, as aulas expositivas, as longas palestras em congressos, são ainda os formatos mais adequados para se fazer filosofia no século XXI. Será imprescindível reativar os corpos dos filósofos, sentados eternamente, seja nas cadeiras da escrivaninha ou nas cátedras da academia. Será preciso, finalmente, rever a própria noção de “cânone”, derivava do grego *kanon*, que significa vara de medir. Será preciso realizar uma genealogia de como foi construído o cânone de autores e questões da história da filosofia e combater a desatenção deliberada contra os territórios, os corpos, os gestos e os estilos em contraste com apenas o que eles disseram ou escreveram⁶. Embora existam livros sagrados no cânone da literatura e da filosofia ocidentais, nenhum clássico é ele mesmo sagrado apenas por constar no cânone. As obras e os temas selecionados para os currículos das graduações em filosofia não têm qualidades intrínsecas, mas passaram por um processo histórico de seleção e de exclusão. Em geral, os autores privilegiados são homens, brancos, europeus, cristãos. Também de maneira geral, os temas dignos do pensamento estão relacionados apenas à tríade “bem”, “belo” e “verdadeiro”, sendo continuamente desprezados os saberes do corpo, da natureza, do feminino, do cotidiano, das artes, e principalmente, de culturas fora do eixo Grécia-Europa.

6 O processo de canonização não apenas vem funcionando como um projeto de normatização e homogeneização do conhecimento, mas também como aponta o pesquisador norte-americano em Letras Clássicas George F. Kennedy, como uma maneira de selecionar aqueles que vão proteger o *canon*: “um estudante de graduação que escreve sobre uma tese sobre Virgílio ou Ovídio tem mais chances de achar um emprego como professor do que alguém que tenha escrito sobre Claudiano ou Ausônio” (2001, pp. 105-116).

A filosofia no Brasil vem felizmente se deixando cada vez mais ser invadida e contaminada pela complexa diversidade da própria sociedade brasileira, mas ainda é um escândalo que não haja ainda, por exemplo, um GT na ANPOF dedicado às questões que envolvam cultura brasileira e não apenas história da filosofia brasileira⁷. Precisamos abrir cada vez mais espaços para a participação das mulheres, dos afrodescendentes, dos remanescentes dos povos indígenas na filosofia do Brasil. Não é necessário para isso abandonar completamente as tradições europeias. Temos muito ainda a aprender com os autores clássicos, a saber, sobre como se proteger “nas” suas sombras, mas também “das” suas sombras, buscando outras e melhores luzes.

Rio de Janeiro, inverno de 2021.

Referências

ARAÚJO, F. M.; PERENA, A. K. *Avati Amuni*. Curitiba: Appris, 2020. Volume 1.

DIOGENES LAERTIUS. *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília: Editora UNB, 1987.

FABIÃO, E. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. *ILINX – Revista do LUME*, n. 4, p. 1-11, 2013.

⁷ A esse respeito ver o auto-crítica de Oswaldo Porchat Pereira, sob o título “Discurso aos Estudantes de Filosofia da USP sobre a Pesquisa em Filosofia”, publicado pela primeira vez em 1998 na *Dissenso – Revista de Estudantes de Filosofia*, Departamento de filosofia da USP, reproduzido na revista *Fundamento* em 2010, e também o artigo de Paulo Margutti, “Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de filosofia no País”.

FEITOSA, C. Borders between Performing Arts and Philosophy. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 10, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/92410>. Acesso em: 05 ago. 2021.

FEITOSA, C. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2004.

FEITOSA, C. O Que é isto – Filosofia Pop? In: LINS, D. (org) *Nietzsche e Deleuze – Pensamento Nômade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 95-105.

GOMES, R. *Crítica da Razão Tupiniquim*. 10. ed. São Paulo: FTD, 1994.

IRWIN, W. (Ed). *Seinfeld and Philosophy: A Book About Nothing*. New York: Open Court, 1999.

KENNEDY, G. F. The Origin of the Concept of a Canon and Its Application to the Greek and Latin Classics. In: GORAK, J. (Ed). *Canon vs Culture*. New York: Garland, 2001, p. 105-116.

KURY, M. da G. Introdução. In: DIOGENES LAERTIUS. *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasileira: UNB, 1987, p. 5-12.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra*, n. 80, p. 71-114, mar. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/695>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MARGUTTI, P. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de filosofia no País. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 129, p. 397-410, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100024>. Acesso em: 05 ago. 2021.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa: Edições 70, 2009.

NIETZSCHE, F. *Schopenhauer como Educador*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

Rev. Helius	Sobral	v. 4	n. 1	p. 1-21	jan./jun. 2021
-------------	--------	------	------	---------	----------------

PORCHAT, O. Discurso aos Estudantes sobre A Pesquisa em Filosofia. *Revista de Pesquisa em Filosofia – FUNDAMENTO*, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/fundamento/article/view/2232>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SCHELLING, F. W. J. *Zur Geschichte der neueren Philosophie*. Dresden: Reklam, 1984.

TIBURI, M. Filosofia Pop – Manifesto em 16 teses. *Revista Cult*, 20--. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-pop-manifesto-em-16-teses>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Data da submissão: 05 ago. 2021.

Data do aceite: 21 set. 2021.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. 1-21	jan./jun. 2021
--------------------	--------	------	------	---------	----------------